



## Gibiteca: Unidade de Informação para a mediação da leitura de histórias em quadrinhos

*Comic book library: Information unit for comics' reading mediation*

Rubem Borges Teixeira Ramos <sup>a,\*</sup> 

**RESUMO:** Considerando-se as histórias em quadrinhos como recursos / dispositivos informacionais, e as gibitecas enquanto unidades de informação, que contam em seu acervo com diversas coleções de quadrinhos, o presente estudo tem por objetivo identificar a existência de ações ou eventos promovidos pelas gibitecas voltados a mediação da leitura, tendo por base as dimensões da mediação da informação, conforme aponta Gomes (2014, 2017, 2019, 2020). Para tanto, procedeu-se a um estudo de caso, de natureza qualitativa e descritiva, realizado junto a um conjunto de gibitecas brasileiras, elencando algumas de suas atividades e projetos, procurando evidenciá-las também como ações pertinentes a mediação da leitura. Ao analisar essas atividades e projetos, a pesquisa constatou que as gibitecas oferecem ações que se enquadram junto as dimensões da mediação da informação, o que favorece o senso de envolvimento e a prática da leitura de histórias em quadrinhos, contribuindo tanto junto a atuação de mediadores da leitura, como profissionais conscientes para com seu dever e funções em relação a escolha e a abordagem que devem considerar junto aos quadrinhos, como quanto aos leitores alvo da mediação da leitura, com vistas a favorecer a sua formação enquanto leitores de diferentes contextos e realidades sociais, estimulando a apropriação de informação e a serem conscientes e ativos com seu papel de protagonismo social.

**Palavras-chave:** Leitura; Leitor; Histórias em Quadrinhos; Gibiteca; Mediação da Leitura e da Informação.

**ABSTRACT:** Considering comic books as informational resources, and comic book libraries (gibitecas) as information units, which contain in their collections several comics, this study aims to identify actions or events sponsored by these comic book libraries, oriented towards reading mediation, based on the information mediation dimensions as highlighted by Gomes (2014, 2017, 2019, 2020). A case study was chosen, having a qualitative and explanatory case study carried out on a few Brazilian comic book libraries, listing some of their activities and projects, aiming to highlight them as relevant initiatives towards reading mediation. Analyzing these initiatives, it can be seen that comic book libraries offer actions that can be classified as pertinent to information mediation, which also acts in favor of comics engagement and reading practices, adding to the reading mediator's course of actions as professionals aware of their role regarding comics choices and approaches, as well as the readers, as reading information beneficiaries, favoring their formation as readers from different contexts and social realities, endorsing information introjection and to be conscious and active as social protagonists.


**Keywords:** Reading; Reader; Comic Books; Comic Book Library; Reading and Information Mediation.

---

<sup>a</sup> Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil.

\* Correspondência para/Correspondence to: Rubem Borges Teixeira Ramos. E-mail: rubemborges@ufg.br.

Recebido em/Received: 28/03/2023; Aprovado em/Approved: 17/05/2023.

Artigo publicado em acesso aberto sob licença [CC BY 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) 

## INTRODUÇÃO

A leitura, encarada enquanto ação realizada pelos sujeitos, é um fenômeno de interesse para várias áreas do conhecimento. A Ciência da Informação não se furta a esse rol, apresentando em seu escopo estudos que procuram analisar e melhor compreender a leitura, como o de Dumont (2020), apontando que a leitura deve ser vista como muito mais do que uma simples decodificação de caracteres, mas sim como um conjunto de atribuições de sentidos e de significados conferidos aos formatos e gêneros, uma ou mais vezes tendo sido lidos, por parte de quem efetua a leitura, ou seja, os leitores.

Sob esta ótica, o leitor assume então um papel ativo, cuja extensão pode se dar desde o estabelecimento de escolhas conscientes e deliberadas quanto a aquilo que deseja ler, como também as capacidades por ele demonstradas durante ou após o ato da leitura, no sentido não apenas de acessar ou obter a informação contida no material lido, mas também e sobretudo de interpretar, analisar e ponderar sobre o teor do conteúdo lido, de modo a confirmar ou contestar esse conteúdo, uma vez confrontado com as informações e o conhecimento por ele previamente adquiridos, seja por outras leituras realizadas ou por intermédio de demais recursos ou dispositivos informacionais anteriormente empregados que o levaram ao conhecimento. A essa possibilidade de contraste realizada pelo leitor, promovida a partir do ato da leitura, resultando em alteração de seu estado de conhecimento, Santos Neto, Bortolin e Almeida Júnior (2017) denominam como apropriação da informação, ou mais precisamente:

apropriação da informação é todo ato cotidiano realizado pelo leitor por meio da leitura com intenção de apoderar-se e atribuir significados aos conteúdos nos mais variados ambientes e suportes, com o intuito de suprir necessidades simples ou complexas, de cunho profissional, educacional, psicológica e cultural, podendo repercutir em uma alteração no arcabouço cognitivo do cidadão, bem como na produção de sentidos. (p. 14).

As histórias em quadrinhos (HQs), consideradas como um formato de leitura, são capazes de exercer fascínio junto a uma comunidade expressiva de leitores. Contando com vários gêneros – infantis, terror, biográficos, aventura, ficção científica, super-heróis, entre outros – as HQs congregam uma série de personagens e narrativas, publicadas em diversos países – inclusive o Brasil – por uma série de editoras, além de contar também com a importação de exemplares, quando não publicados no país, o que gera um expressivo número de revistas e outros suportes em que as HQs se encontram publicadas.

Diante dessa proliferação e disponibilidade de HQs no Brasil, bem como do interesse pelo seu acesso e leitura, surgiram a partir dos anos 1980, bibliotecas públicas em várias cidades brasileiras, cujo propósito é o de coletar, armazenar e disseminar as HQs perante o público leitor. Denominadas ‘Gibitecas’, essas unidades de informação (UI) se caracterizam justamente em função do tipo de material ou coleções que reúnem – os quadrinhos.

Entretanto, não se deve acreditar que UI existam, em pleno séc. XXI, exclusivamente para coletar materiais e acondicioná-los de acordo com disposições ou regras pré-definidas. Muito além disso, faz-se necessário pensar nos sujeitos que irão se valer desses materiais, a partir de suas leituras, nas formas como eles demonstram ser capazes de se apropriar das informações contidas nos mesmos e nos possíveis destinos conferidos a essas informações, quando devidamente apropriadas por eles.

Para tanto, compreende-se a prática da mediação da leitura, tal qual exposta e defendida por pesquisadores da Ciência da Informação como Calheira e Santos (2021), Abreu e Dumont (2021), Assis e Santos (2022) e Santos et al. (2023), como uma forma de profissionais, agentes e demais interessados em bibliotecas e espaços voltados a prática da leitura recorrerem, no intuito de envolver leitores em dinâmicas que evoquem a leitura e suas potencialidades, articulando um ou mais recursos informacionais que possam fomentar esse processo.

Considerando-se, no presente artigo, as HQs como recursos informacionais, capazes de possibilitar, através de sua leitura, o acesso e a veiculação de informações ao seu leitor, propõe-se o estudo, sob o enfoque das Gibitecas, no intuito de identificar a existência de possíveis ações ou eventos promovidos nestas UI por seus profissionais e agentes associados, voltadas a mediação e ao incentivo à leitura, com vistas não apenas a promoção do acesso às HQs pelos leitores, mas também com possíveis subsídios a eles junto a sua capacidade de conferir sentidos e significados em particular a leitura empreendida neste formato, procurando confirmar assim que as HQs e a sua leitura realizada também em Gibitecas, quando endossadas por práticas de mediação da leitura, podem contribuir para a apropriação da informação por parte de seu público leitor.

## LEITURA E LEITOR

Inicialmente, ao se tecer considerações a respeito da leitura enquanto ação, pode-se pensar na sua ligação intrínseca com a alfabetização, e por consequência, com o acesso aos textos e a linguagem escrita. Entretanto, é preciso se contemplar o ato da leitura por parte de um ou mais leitores como algo que vai além da simples decodificação e posterior reagrupamento de caracteres ou letras para se formar componentes textuais como as palavras e as frases.

Ao versar sobre este raciocínio, Dumont (2017) procura vincular a leitura como uma ação que envolve por parte do sujeito, tanto quanto ser alfabetizado, também ser capaz de manifestar através de sua subjetividade as percepções que tem quando das interações que realiza, seja com objetos – livros, periódicos ou outros recursos / dispositivos informacionais, por exemplo – seja no contato com outros sujeitos, configurando assim a realidade que o envolve e de que ele faz parte como membro, o que vem a ser uma condição *sine qua non* para que este sujeito demonstre uma perspectiva ponderada e crítica quanto aos fatos, elementos, acontecimentos e circunstâncias a que é submetido e se torna consciente a respeito em uma base diária.

Essa forma de se pensar a leitura e sua relação com o leitor ecoa junto a outros pesquisadores da Ciência da Informação, como Rasteli (2013), para quem não se faz suficiente apenas estar apto a ler, sendo tão importante quanto isso o desenvolvimento de competências capazes de fazer com que o leitor de fato empregue o que fora por ele lido em seu cotidiano, como resultado direto da compreensão alcançado sobre o conteúdo lido. Também Alves, Correia e Salcedo (2017) apontam para um recorrente fato quanto a leitura, no que se refere a sua atribuição sobremaneira limitada ao texto escrito, ignorando assim a existência e as possibilidades de oferta e de contemplação contidas em outras formas, entendendo que o ato de ler não deve ser atribuído de forma exclusiva aos alfabetizados, uma vez que se compreende que a leitura, enquanto ação, possui um amplo espectro de aplicação, podendo ser atribuída a outras estruturas cotidianas do sujeito, como a leitura de imagens, de símbolos, das cores, da dramaturgia, dos filmes, dos diálogos, entre outras.

Diante de todo o exposto, entende-se que a leitura enquanto ação vai muito além do formato verbal básico que lhe é atribuído, abarcando o contato e a experiência junto a meios, tecnologias e formatos que se pautem também por conteúdos não necessariamente verbais, que emulem ações, representações, estruturas e signos presentes nas práticas e no cotidiano social dos indivíduos, de modo que possam ser tanto reconhecidos como compartilhados por eles. Dumont (2017) complementa esse raciocínio, ao defender que

O processo do ato da leitura não se efetiva em ações isoladas, nem mesmo lineares, e sim por uma complexa reação em cadeia de ações, sentimentos, desejos, especulação na bagagem de conhecimentos armazenados, motivações, análises, críticas. (p. 4).

Dessa forma, é pertinente conceber a leitura como uma experiência que engloba um conjunto de valores, sentidos e motivações, atribuídos aos textos e demais formatos em que se encontra disponível, assim como as informações e o conhecimento adquiridos por intermédio do ato de ler.

E quanto aquele que realiza a leitura? Por mais óbvio que se parece constatar, o ato da leitura necessita da participação e envolvimento de um ou mais indivíduos – os leitores – e aparentemente pouca atenção tem sido historicamente dispendida na Ciência da Informação quanto a essa figura. De fato, conforme apontam Abreu e Dumont (2021), somente

nas últimas décadas surgiram indagações dos estudiosos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia [...] em identificar a efetividade e introjeção de conhecimentos pela leitura, entendida como apropriação da leitura, a partir da subjetividade do leitor e, notadamente, pelo seu contexto. (p. 5)

Esses estudos partem do pressuposto ressaltado acima quanto a leitura ser uma parte fundamental da vida dos sujeitos, sendo exercida de forma única e individual por cada um deles. Essa característica própria atribuída ao sujeito enquanto leitor ecoa junto a Petit (2008), para quem o sentido imprimido e exprimido junto a uma ou mais leituras

realizadas pode apresentar variações, já que a leitura incita aquele que lê a ir além do conteúdo lido, estabelecendo comparações e confrontos entre essa leitura e fatos, eventos, acontecimentos e circunstâncias de sua própria realidade, o que envolve compreender o ato de ler com uma amplitude de perspectivas, que vão desde um caráter mais objetivo e utilitário – como se apropriar de uma linguagem ou ser capaz de compreender uma lista de tarefas pertinentes a uma rotina diária –, até a possibilidade de alcançar-se vieses de cunho mais social, cultural e imaginativos – ampliar pontos de vista quanto a tópicos em voga em determinados momentos, ou se apropriar de informações variadas por meio de um ou mais registros, por exemplo. Isso se dá porque, durante e após a realização da leitura, o leitor assume um papel como protagonista enquanto produtor de sentido e de significado, seja em sentido amplo as estruturas cotidianas a que tem acesso – imagens, símbolos, filmes, entre outras –, seja em sentido específico quanto ao texto que fora lido.

Versando sobre as possíveis razões que justificam um ou mais leitores a se constituírem e a serem reconhecidos como exercendo este papel e função, Dumont (2017) defende a existência de 03 (três) elementos demonstrados por eles no ato da leitura:

**Contexto:** •O comando da leitura se dá a partir de temas significativos, familiares; •a compreensão do texto enreda-se na percepção entre o texto e o contexto; •contexto imbrica fortemente com subjetividade; •contexto tende a igualar as pessoas, subjetividade as diversifica. **Motivação:** •Quando um leitor decide ler, esta ação é motivada por algum estímulo; • algo no texto o atrai, há um desejo; • há dois tipos de leitura (motivação): 1. leitura utilitária: com fim definido, ganhar prestígio, status; 2. leitura como lazer: para descansar, relaxar, fruição. **Sentido:** •Pode ser considerado a compreensão da escrita, que causa impacto, novidade, ruptura; •as palavras são signos, até darem sentido ao leitor; •o leitor reúne sentidos isolados, consolidando-os em uma estrutura. (p. 12-13, grifos nossos).

A união e combinação desses três elementos durante a leitura proporciona a apropriação da informação, como conceituada anteriormente, na medida em que, para se chegar a melhor compreensão quanto ao teor e ao significado de uma leitura empreendida, o leitor necessita se valer desses elementos, evidenciando, portanto, seus interesses, conhecimento e objetivos para com uma ou mais leituras escolhidas. Como ressalta Petit (2008), “os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas”. (p. 26).

## MEDIAÇÃO DA LEITURA E DA INFORMAÇÃO

Diante de todo o teor exposto na seção anterior, é uma constatação cada vez mais explícita quanto da existência de diferentes níveis relacionais entre a leitura e o leitor, considerando-se as realidades sociais em que ele faz parte e estabelece relações, assim como o conjunto de valores, experiências acumuladas e conhecimento que acabam

por exercer influência junto a maneira pela qual esse leitor imprime e exprime sentido e significado junto a leitura realizada.

Dessa forma, é interessante a todas as UI voltadas também a promoção da leitura, que considerem a figura de seus usuários enquanto sujeitos informacionais como elemento central de suas ações e projetos. Para tanto, bibliotecários, profissionais e agentes devem demonstrar interesse e foco junto a promoção do acesso ao conteúdo presente em recursos ou dispositivos informacionais, intervindo de forma consciente e planejada para facilitar e potencializar a apropriação da informação por parte do leitor. Uma das formas em que essa demonstração se torna uma realidade é através da mediação da leitura, que conforme apontam Sousa, Santos e Jesus (2020) pode ser definida como uma

Ação realizada conscientemente por um profissional da educação, da informação e/ou da cultura, de maneira individual ou coletiva, que propicie uma leitura singular ou plural na ambivalência dos dispositivos informacionais, sociais e culturais, na perspectiva de possibilitar a apropriação da informação (p. 18).

De acordo com Barros (2006), a mediação da leitura deve ser entendida como um conjunto deliberado de atividades, cujo propósito vem a ser o de interconectar leitor, texto e mediador. A noção fundamental desse processo se dá na aproximação entre o material a ser alvo da leitura e o leitor. Em suas palavras, “mediar a leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores” (p. 17).

Entretanto, essa relação estabelecida deve seguir caminhos e objetivos que vão além do simples fornecimento de acesso a um leitor por meio de um intermediário – o mediador. Isso porque, ao se reconhecer a importância e a relevância da leitura como sendo algo subjetivo, faz-se necessário considerar a vida de quem vai ler, os diferentes contextos e realidades sociais de que ele é parte, e os possíveis contatos prévios que esse leitor possa ter exibido para com uma ou mais leituras. Essa compreensão encontra respaldo em Bortolin (2007), que identifica o mediador como um sujeito cuja função é a de aproximar ambas as partes envolvidas – leitor e texto – atuando como um facilitador junto a esta relação.

Nesse sentido, compete ao mediador ser aquele que demonstra aptidão e habilidades que o habilitem a avaliar, ampliar e definir estratégias, ambientes e os recursos informacionais que de fato sejam condizentes para com o leitor alvo da mediação e a sua realidade social, estimulando esse leitor enquanto sujeito ativo a buscar e a trocar informações em relações estabelecidas junto ao meio e a outros sujeitos, bem como estimular os processos de crescimento social e cognitivo.

Através de iniciativas, projetos e ações pensados por um mediador, tendo como alvo o leitor, potencializa-se o teor do texto a ser interpretado, construído e reconstruído por este último, fomentando a prática da leitura e a exposição e a troca de fatos, argumentos, pensamentos e raciocínios acerca do que fora lido, seja entre mediador e mediado, seja entre leitores, ao se considerar que a mediação pode ser feita em

grupos, composta assim por vários membros, sendo planejada e intermediada por um mediador lúcido de seu papel. De fato, essa compreensão acerca da mediação da leitura enquanto ação consciente, praticada pelo mediador tendo por objetivo a figura de um ou mais leitores, a aproxima sobremaneira da visão de mediação da informação tal qual exposta por Almeida Júnior (2015), entendida como uma forma de interferir com vistas a contribuir para com o acesso, o uso e a apropriação da informação.

## GIBITECAS

É fator comum se afirmar, no mundo contemporâneo, que a informação está disponível em todo lugar. Parte significativa disso se dá pelo fato de a informação se encontrar registrada em uma pluralidade de suportes, quer eles sejam físicos ou digitais, como livros, mapas, vídeos, áudios, sites, portais, intranets, entre outros.

As HQs, enquanto meios de comunicação e formatos de leitura, se destacam de outros por utilizar em sua narrativa um elemento com alta capacidade de representação e de reprodução, a imagem. Ao trabalhar com a noção de imagens, McCloud (2005) baseia a sua definição de HQs, como sendo “[...] imagens pictóricas e outras, justapostas em sequência deliberada, destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”. (p. 20).

A partir da definição acima, constata-se que as informações podem se fazer presentes e disponíveis também junto as HQs, e passíveis de serem acessadas por seus leitores através de sua leitura. Graças a essa constatação, pode-se considerar as HQs também como sendo recursos informacionais, pois de acordo com Zafalon (2017),

Compreende-se que os recursos informacionais sejam o resultado de uma representação mental, intelectual ou artística, nos quais o conteúdo ideacional, uma entidade abstrata, é inscrito em um suporte, quer seja analógico ou digital. Assim, tem-se que o recurso informacional seja a ideia corporificada, a inscrição de uma ideia em um suporte. (p. 3).

Independentemente de seu formato ser físico ou digital, para acessar o conteúdo informativo presente nas HQs, deve-se considerar a relação estabelecida entre leitor e esse recurso informacional quando de sua leitura. Conforme apontam Dumont e Ramos (2018),

a narrativa combinada de imagens e textos dos quadrinhos apresenta formas de alcançar um significado através de sua própria subjetividade. A presença do leitor no decorrer da leitura contribui para a sua correlação e identificação com as situações retratadas nos quadrinhos, que o remete, muitas vezes, aos acontecimentos de sua vida cotidiana. (p. 196).

Uma vez estabelecendo a presença de informação junto a narrativa das HQs, e considerando os diferentes gêneros presentes nesses quadrinhos – terror, infantis, biografias, super-heróis, entre outros – bem como a quantidade expressiva de publicações disponíveis atualmente no mercado nacional e internacional, é

interessante se pensar em formas pelas quais seja possível fornecer o acesso as HQs, tanto das que foram produzidas em décadas anteriores quanto as atuais, estimulando aqueles que necessitam obter e acessar a informação contida em suas narrativas. Para isso, deve-se contar com um local que atue como disseminador, para que outros possam também receber informações presentes nesses recursos informacionais, promovendo seu acesso e uso por parte dos leitores.

Embasando-se neste pensamento, Zaninelli et al. (2022) apresentam sua definição de Unidades de Informação (UI), como “ambientes físicos ou digitais, integrados ou não às organizações, com ou sem fins lucrativos, que tenham como principal produto ou serviço a informação, com atividades centradas na produção, armazenamento, organização, recuperação e disseminação da informação fidedigna e de qualidade” (p. 604).

Ao se considerar as HQs como recursos de informação, é crível se supor que elas se configurem como itens a fazer parte de uma ou mais coleções em UI. O Brasil é pioneiro no reconhecimento dessa relação, graças a presença e a atuação em várias cidades do país das Gibitecas. Conforme apresenta Vergueiro (2005):

Bibliotecas públicas especialmente dedicadas à coleta, armazenamento e disseminação de histórias em quadrinhos são instituições genuinamente brasileiras, existindo desde o início da década de 1980, quando uma instituição pública na capital do Estado do Paraná decidiu fundar a primeira unidade desse tipo, que batizou com o nome de *gibiteca*, um neologismo que mescla a forma como as revistas de histórias em quadrinhos são tradicional e carinhosamente referidas no país – gibis –, com as unidades de informação – bibliotecas [VERGUEIRO, 1994]. Com o surgimento da *Gibiteca de Curitiba*, cunhava-se o termo genérico para denominar qualquer biblioteca que colocasse as histórias em quadrinhos como o centro de sua prática de serviço de informação e que seria então utilizado em todo o país (p. 4).

Ao analisar a passagem e as mudanças ocorridas junto a compreensão do que vem a ser a biblioteca enquanto uma UI, ao longo do século XX, Lemos (1998) pontua dois fatores como essenciais para justificar a sua manutenção, a se saber: o tipo de material que reúnem e as comunidades de usuários a que destinam o seu atendimento de forma prioritária. No que se refere as Gibitecas, empregando o raciocínio deste autor, pode-se afirmar que elas são UI especializadas, cujo público prioritário se constitui daqueles que desejam ter acesso a coleções de HQs e conseqüentemente, realizar sua leitura.

A existência de Gibitecas enquanto UI possibilita não apenas um local cuja função seja a de organizar, catalogar e disseminar as HQs, nem tampouco o de fornecer exclusivamente como fruto dessas importantes ações o acesso desses quadrinhos ao público leitor interessado em lê-los. Segundo Pustz (2000), a existência de locais que estimulem em base regular encontros e debates que sejam interessantes, contribuindo assim para com a formação de leitores engajados e de uma cultura devotada as HQs é algo que se deve endossar. As Gibitecas existentes no Brasil podem promover ações que sejam baseadas junto a mediação da leitura e da informação, que possibilitem aos



leitores externalizar seus pensamentos e debater sobre a leitura dos quadrinhos, passando por exemplo por seus personagens (posturas, falas e atitudes por eles demonstradas), linhas e políticas editoriais de quem detém os direitos de publicação, comparações entre arcos de histórias, autores e desenhistas, preço cobrado na comercialização de uma ou mais HQs à época de sua publicação, dentre outros temas correlatos.

Pustz (2000) vê junto as possíveis interações exercidas pelos membros um papel de destaque para a promoção e perpetuação dessa cultura, considerando que a participação em eventos que estimulem a fala, o debate e a troca de experiências junto a leitura de HQs é essencial para que ela exista e seja reconhecida. Não somente isso, mas todas essas ações caracterizam os leitores de quadrinhos como participantes ativos dessa cultura.

No que tange as gibitecas, verifica-se a sua presença em vários municípios brasileiros, podendo figurar como UI exclusiva – como as gibitecas Marcel Paes Rodrigues, de Santos – SP, e a de Curitiba – PR<sup>1</sup> - existir como uma seção anexa a bibliotecas ou instituições públicas - como as gibitecas Henfil, na cidade de São Paulo - SP, a Antônio Gobbo – em Belo Horizonte – MG e a Jorge Braga, em Goiânia – GO – ou mesmo ser fruto de projetos e iniciativas comunitárias – como as gibitecas Mais Cultura, em Campo Grande – MT, a Balão e a Prateleira dos Quadrinhos – ambas em São Paulo - SP. Todos esses exemplos de gibitecas, dentre outros também existentes no país, procuram atuar junto aos seus usuários não apenas de forma a disponibilizar HQs para leitura e consulta, mas também como pontua Nogueira (2008), exibindo uma função social, a se saber

Podemos estabelecer, como função social da gibiteca, a inclusão e o estímulo a leitura, criatividade e criticidade e, no caso da gibiteca escolar, acrescenta-se aí a inclusão pela educação. Assim, a gibiteca não pode ser considerada tão somente uma coleção de histórias em quadrinhos disposta a consulta pública (p. 101).

De modo a evidenciar as gibitecas enquanto UI voltadas também para a função social acima expressa, faz-se necessário o estabelecimento e a promoção de eventos, inclusive em forma de ações e projetos, que envolvam a mediação da leitura das HQs, podendo servir como justificativa não apenas para sua existência, mas também para consolidar a formação e a continuidade da prática de leitura junto a leitores de diferentes contextos e realidades sociais, visando assim a endossar o seu protagonismo social.

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que, quando se afirma que estas gibitecas são UI exclusivas, não significa que as mesmas existem e atuam de forma autônoma. No caso de ambas as citadas, sua manutenção e responsabilidade recai sobre órgãos municipais da cultura. Porém, ao contrário dos demais exemplos, as duas gibitecas citadas possuem uma estrutura própria, sediada em locais exclusivos, não configurando, portanto, seção ou parte de uma outra UI específica.

## METODOLOGIA

Buscando evidenciar as gibitecas como UI capazes de promover ações e eventos com o intuito não apenas de fornecer acesso ao acervo de HQs nelas disponível, mas também atuar junto a formação de leitores, auxiliando no seu engajamento para com papéis e ações como protagonistas sociais, é necessário identificar e salientar a existência e o teor das iniciativas amparadas e executadas por estas instituições.

Assim, a presente pesquisa é de natureza qualitativa, defendida por Minayo (2009) como aquela em que se procura fornecer respostas a questionamentos específicos, através do emprego de um nível de fatos que não pode – ou não deveria – ser quantificado.

A pesquisa é classificada como descritiva pois procura, de acordo com Gil (2008), descrever fenômenos característicos de uma população ou de um objeto selecionado, sendo aqui enfocadas as gibitecas como UI cujo propósito, ainda segundo o autor, é o de possibilitar o estudo e a investigação de uma temática de forma destacada, procurando compreender um ou mais fenômenos associados a ela. No presente caso, a mediação da leitura como prática que estimule o público leitor a não somente realizar a leitura de HQs, mas também a compartilhar de suas impressões e reflexões acerca da mesma, evidenciando através de ações e eventos que envolvam a mediação da leitura e a apropriação de informações advinda dessa leitura.

O estudo emprega uma amostragem, já que não é possível se acessar a totalidade de projetos, eventos e ações executados por todas as gibitecas presentes no Brasil. Assim sendo, recorre-se ao tipo não probabilístico, objetivando o estabelecimento de uma representatividade junto a instituição gibiteca encarada como uma UI, uma vez que, de acordo com Lakatos e Marconi (2017), “neste tipo de amostragem, não se faz uso de formas aleatórias de seleção e nem da aplicação de fórmulas estatísticas” (p. 37).

Dadas as gibitecas anteriormente mencionadas, destina-se atenção especificamente aos projetos e iniciativas por elas encabeçados. Essa seleção dentre o rol de gibitecas brasileiras vai ao encontro de um tipo mais específico de amostragem não probabilística, conhecida como amostragem por acessibilidade ou conveniência, que se notabiliza, segundo Gil (2008), como aquela em que o “pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo” (p. 94).

Dessa forma, a amostragem escolhida para esta pesquisa se caracteriza junto a um total de 08 (oito) gibitecas, já conhecidas e acessadas pelo pesquisador, que apresentem em seu funcionamento um ou mais projetos que englobem iniciativas em que a mediação da leitura possa ser efetivamente constatada.

No que se refere aos procedimentos para a coleta de dados, utilizou-se como técnica o estudo de caso, que segundo Yin (2005) se destaca por permitir reunir e agregar informações com valor, as quais possibilitam apreender a totalidade de uma situação,

assumindo-se que “as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas” (p. 32).

O estudo de caso desenvolvido junto a presente pesquisa procurou evidenciar as gibitecas como UI que fomentem / promovam / estimulem a mediação da leitura e da informação como fenômenos atuais, tendo a partir de possíveis ações / eventos promovidos junto as mesmas como fontes de evidência não apenas para o acesso a leitura de HQs aos seus leitores, mas também estimular e endossar a formação do protagonismo social desses leitores, aptos a se apropriarem das informações veiculadas nas HQs por meio de sua leitura.

Já para proceder a análise dos dados coletados, recorreu-se às dimensões da mediação da informação, sendo utilizadas junto as atividades promovidas pelas gibitecas destacadas, uma vez que, segundo Calheira e Santos (2021), “Por meio da mediação, podem-se perceber diferentes ‘encontros’ que uma leitura pode proporcionar. Esse aspecto pode ser associado diretamente às dimensões da informação propostas e defendidas por Gomes (2014, 2017)” (p. 04).

No que tange a mediação da informação, nota-se a presença de cinco dimensões, as quais consideradas de forma articulada entre si, podem resultar em uma mediação ímpar, capaz de contribuir para com o estímulo a leitura e também para a apropriação das informações contidas nas leituras realizadas, evidenciando também o protagonismo social desses leitores, o que vai ao encontro de Assis e Santos (2022), quando defendem a postura ativa do leitor enquanto sujeito que se apropria de informação através da leitura, sendo esta apropriação o resultado de uma série de processos, compreendidos junto a identificação que o leitor lança para com os personagens e as narrativas a que tem acesso pela leitura, o que vai lhe permitir assumir perspectivas similares ou diferentes da sua própria, ao experimentar e contemplar os vícios e as virtudes demonstradas pelas personagens, bem como no questionamento que o leitor consciente promove quando da análise e do confronto quanto dos fatos, eventos, acontecimentos e circunstâncias descritas na narrativa e de conhecimentos por ele previamente adquiridos. Essas dimensões, de acordo com Gomes (2014, 2017, 2019, 2020), são:

\* **Dimensão Dialógica:** Ocorre quando um mediador, podendo atuar inclusive em conjunto com outros indivíduos (bibliotecários, educadores ou outros profissionais, por exemplo), media discussões realizadas posteriormente a leitura empreendida. Para tanto, pode recorrer ao uso de outros recursos informacionais, que não somente o utilizado pelos leitores para realizar a leitura alvo da mediação, ressaltando junto ao público leitor a pluralidade de perspectivas em que personagens e narrativas podem ser trabalhadas, através do diálogo. Nas gibitecas, o mediador pode se valer de filmes, desenhos animados, seriados e outras mídias enquanto recursos informacionais, que vem popularizando o acesso e o conhecimento do grande público para as personagens e narrativas das HQs, salientando como a personagem e mesmo a trama contida em uma ou mais narrativas em questão foi abordada em cada uma dessas mídias. Abordagens similares – já que as adaptações para outras mídias se baseiam no formato

original, neste caso as HQs – podem ser o foco de debates promovidos pelo mediador, com vistas a estimular que os leitores expressem suas visões, comparando as posturas e atitudes das personagens em tramas similares expostas em diferentes mídias, ressaltando seus gostos, percepções e interpretações quanto a forma com que temas variados são trabalhados tendo os mesmos personagens como protagonistas;

\* **Dimensão Estética:** É a dimensão que evoca o senso de pertencimento e de participação dos membros, ou seja, o engajamento que todos os envolvidos junto a mediação – mediadores, profissionais e mediados – demonstram ao se reconhecerem como parte das ações empreendidas. Também se percebe esta dimensão quando há o compartilhamento entre os participantes das experiências realizadas, no intercâmbio de visões, posturas, reflexões e interpretações quanto a diferentes questões e problemas contemplados e no desvendar de descobertas inéditas, as quais estimulam o acolhimento e a integração dos membros ao grupo. Os leitores de HQs, conforme apontam Ramos (2017) e Dumont e Ramos (2018), exibem prazer em externalizar suas leituras. Em um espaço como as gibitecas, designado como UI que abarcam HQs e outros recursos informacionais associados a elas, o compartilhamento de leituras e de interpretações por parte de leitores, uma ou mais vezes realizado por intermédio de mediadores, pode suscitar novas descobertas, ou mesmo o reforço de conhecimento adquirido previa ou individualmente por esses leitores;

\* **Dimensão Formativa:** É a dimensão em que se destaca a figura do mediador, como aquele que se envolve planejando a mediação, e assumindo a responsabilidade da função e do papel exercidos. Assim, um mediador deve almejar um dinamismo capaz de fazê-lo demonstrar aspectos de criatividade, afetividades e improviso durante a mediação, tendo como foco o despertar e a manutenção do interesse dos mediados para com as leituras e os debates promovidos a partir delas. No caso das HQs e do acervo delas disponível em gibitecas, não basta exclusivamente disponibilizar o seu acesso aos leitores, quer estes sejam iniciantes ou experientes junto aos gêneros, formatos, personagens e narrativas das HQs. É preciso, além de realizar leituras prévias das HQs, que o mediador esteja preparado para estabelecer, por exemplo, junto a fatos, eventos, acontecimentos e circunstâncias que sejam narradas em uma ou mais histórias, alusões pertinentes ocorridas no mundo real e inclusive nas vidas dos leitores mediados, com vistas a tornar os personagens e as narrativas ainda mais atraentes ao público leitor.

\* **Dimensão Ética:** Sobremaneira associada a dimensão anterior, a dimensão ética invoca a consciência do mediador enquanto agente norteador e responsável pelas ações, projetos e propostas encaminhadas e exercidas. Isso porque as inferências alcançadas durante e após o processo de mediação da leitura podem estimular o reconhecimento de identificação, por parte dos leitores, para com as leituras observadas e trabalhadas na mediação. Não se exige, por exemplo, que o mediador seja um leitor engajado de HQs, alvo desta análise – ainda que se possa ressaltar que essa postura é bem-vinda e estimulada -, mas sim que ele demonstre algum conhecimento para com as narrativas e personagens, de modo a provocar, conduzir e estimular o processo de mediação da leitura de forma consciente. Ao se valer de

recursos informacionais presentes na gibiteca, o mediador deve privilegiar escolhas de HQs e mídias associadas – atentando também para gêneros, personagens, narrativas, temas, entre outros – compatíveis com o público específico de leitores a ser mediado, com vistas a não apenas respeitar-se faixas etárias, graus de escolaridade e crenças variadas demonstradas por esses leitores, mas procurando também humanizar a mediação, fazendo com que a leitura das HQs seja um ato que traga estímulo, prazer, descontração, ponderação, reflexão e crítica – inclusive autocrítica, se couber – junto aos mediados;

\* **Dimensão Política:** Encarada como o resultado ou conclusão de um ou mais processos de mediação, a dimensão política ocorre quando se percebe e se estabelece, por parte dos mediados, durante ou após o processo de mediação da leitura, uma consciência advinda da apropriação das informações veiculadas junto a uma ou mais leituras, podendo resultar em ações e posturas pessoais ou coletivas desses leitores, observadas e constatadas em momentos e episódios de suas próprias vidas. Novamente Ramos (2017) e Dumont e Ramos (2018) evidenciam essa realidade, através das constatações por parte dos depoimentos de leitores de HQs entrevistados, os quais apontam para fatos, eventos, circunstâncias e momentos por eles vividos em diversos aspectos de suas vidas, nos quais demonstraram influências adquiridas por intermédio da leitura de uma ou mais HQs, e a reaplicação de posturas e ações das personagens junto a esses episódios na vida real. No que tange as gibitecas, a apropriação das informações por parte dos leitores de HQs pode ser constatada de forma evidente ao final de processos de mediação da leitura, quando um mediador por exemplo, solicitar aos leitores que expressem e compartilhem aquilo que interpretaram acerca da leitura empreendida, ou mesmo quando mediadores e mediados realizam ações em decorrência da prática da leitura, seja influenciados pelas mesma ou no sentido de procurar compartilhá-la com outros possíveis leitores.

## ANÁLISES E RESULTADOS

Esta seção contempla as análises e resultados obtidos na pesquisa, a partir das condições encontradas e expostas nas gibitecas conhecidas pelo autor, bem como nos projetos e atividades oferecidas por estas UI, contemplados à luz das supracitadas dimensões da informação, conforme apresentadas por Gomes (2014, 2017, 2019, 2020).

Inicialmente, é interessante proceder-se ao rol das gibitecas empregadas neste estudo, bem como das atividades e projetos por eles disponibilizados aos seus usuários, conforme elenca-se a seguir:

**Quadro 1.** Gibitecas e suas atividades / projetos.

| <b>Gibiteca</b>           | <b>Localização</b>  | <b>Atividades / Projetos realizados</b>   |
|---------------------------|---------------------|---|
| Marcel Paes Rodrigues     | Santos - SP         | Baú da Gibiteca; Bate-papos; Lançamentos; Produção de histórias em quadrinhos institucionais; visitas monitoradas; Oficinas e cursos; Exposições. |
| Henfil                    | São Paulo - SP      | Cursos e Oficinas; Palestras; Exposições; Exibição de filmes; Jogos; Lançamento de revistas;  |
| Balão                     | São Paulo - SP      | Fóruns de discussão; Encontros; Oficinas de criação; Disponibilização de HQs  |
| Prateleira dos Quadrinhos | São Paulo - SP      | Leituras em grupo; Debates; Empréstimos de HQs; Kuadrombi (fusão de Kombi + Quadrinhos)   |
| Antônio Gobbo             | Belo Horizonte - MG | Exposições; Palestras; Oficinas; Cursos Literários; Visitas escolares; Exibição de filmes; Hora do conto.   |
| Gibiteca de Curitiba      | Curitiba - PR       | Oficinas de criação; Debates; Exposições; Palestras; Lançamento de HQs; Produção de HQs; Workshop;  |
| Jorge Braga               | Goiânia - GO        | Visitas escolares; Contação de histórias;   |
| Mais Cultura              | Campo Grande - MT   | Oficinas de gibis; Contação de histórias; Gibicicleta / Vanteca / Mototeca.   |

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Tendo sido as gibitecas e suas atividades / projetos devidamente listados acima, passa-se a análise das ações e iniciativas que compõem esses projetos, tendo em consideração a possibilidade de elas proporcionarem o alcance as dimensões da mediação da informação nas práticas de leitura de HQs.

### **Dimensão dialógica**

Entre as atividades / projetos realizados pelas gibitecas listadas, que permitem refletir sobre o alcance da dimensão dialógica junto a elas, podem ser citados os bate-papos, visitas monitoradas, oficinas, cursos, debates, exibição de filmes, promoção de jogos e palestras.

Nessas ações, o critério que atua como o fio condutor é a possibilidade de comunicação, intencionando o compartilhamento e as interações entre os sujeitos participantes, que podem se apresentar e se descobrir mutuamente, externalizando informações sobre seus pontos de vista e interpretações acerca da leitura realizada, prática que pode proporcionar o estabelecimento de momentos críticos e reflexivos, a serem trabalhados pelo mediador prezando-se pelo respeito e pelo conforto convidativo a manifestação de todos, seja ela por intermédio de indagações, de afirmações, de conjecturas ou de refutações apresentadas pelos leitores.

Debates e discussões promovidas pelos mediadores no ambiente de gibitecas, durante ou após a realização de algumas atividades como as visitas monitoradas – de grupos escolares variados, por exemplo -, as leituras em grupo e a contação de histórias podem ser estimulantes, na medida em que se busca extrair junto aos participantes as suas percepções, opiniões e interpretações quanto aquilo que fora lido.

No processo de mediação da leitura de HQs, os filmes e os jogos – e também outras mídias, não citadas como tendo sido abordadas junto as gibitecas elencadas, mas com potencial para sê-lo, tais como os desenhos animados, as séries, os podcasts especializados, entre outros exemplos – que são baseados em HQs podem ser reconhecidos como recursos informacionais que não apenas fazem alusão ao formato original – as HQs – mas que também podem ser interpretados pelos leitores de maneira ativa, já que tanto eles quanto os mediadores acabam por compartilhar informações e promover processos de leitura sobre si e sobre o outro por meio do emprego dessas mídias, que sob a atenção de um mediador, propiciam a interação, a crítica e a criatividade em momentos de diálogo.

### **Dimensão estética**

Nesta dimensão, percebe-se a existência de um movimento intencional voltado à geração e ao compartilhamento de experiências por parte dos envolvidos – sejam o mediador ou os mediados – que englobam a informação, com vistas ao seu acesso e a suas possíveis interpretações. Nesse sentido, quanto às atividades apresentadas pelas

gibitecas pertencentes a essa dimensão, se destacam a produção de quadrinhos institucionais, as oficinas e cursos, a produção de HQs e os workshops.

Isso porque o desenvolvimento de ações práticas que possibilitem alcançar um produto final, quer este seja físico ou virtual, acabam por envolver não somente atenção e foco dos leitores participantes, como também a necessidade de se recorrer a ações que podem alterar suas rotinas, fazendo-os se sentirem envolvidos como parte ativa da atividade ou projeto realizado.

E justamente esse envolvimento, fruto do engajamento dos leitores envolvidos junto a confecção de HQs, ou ao emprego de técnicas pertinentes ao desenvolvimento de personagens, de tramas e de narrativas, do uso correto de itens e de expressões próprias do vocabulário da HQs – como os balões e as onomatopeias, dentre outros – pode gerar uma sensação de reconhecimento e de pertencimento, por parte desses leitores, junto a mediação realizada. Conforme ressalta Gomes (2020), uma vez alcançada, a dimensão estética da mediação da informação pode proporcionar aos envolvidos um senso de liberdade e de conforto, graças ao reconhecimento de ser parte de algo que é construído de forma compartilhada, ou seja, algo que é criado e trabalhado durante as atividades com o mediador, em um processo que costuma gerar sensações ligadas ao prazer dos participantes.

### **Dimensão formativa**

Como pontuado anteriormente, mediar a leitura não é somente uma ação voltada para congrega leitores e proceder-se à leitura de algo a eles. Mesmo no caso das gibitecas, envolve muito mais do que a simples leitura de uma ou mais HQs a um público selecionado, ou a recomendação a um usuário de gibiteca quanto a uma ou mais edições ou histórias em particular.

Quando se trata de mediação da informação, e mais especificamente de sua dimensão formativa, Gomes (2014, 2016) aponta para a necessidade de se reconhecer a geração de novos saberes e conhecimento, tanto por parte do mediador quanto dos mediados. A partir disso, evidencia-se o mediador como o sujeito consciente de seu papel, e conhecedor das atividades a serem desenvolvidas e das estratégias necessárias para fazê-lo.

No que se refere a leitura de HQs e as gibitecas listadas, destacam-se como atividades / projetos pertinentes a esta dimensão as leituras em grupo, as palestras e a contação de histórias / hora do conto. Isso porque espera-se do mediador, em todas essas atividades, não apenas que assuma um papel de guia, ditando os caminhos que devem ser seguidos para se proceder corretamente a uma leitura de HQs, mas sobretudo que demonstre criatividade, afetividade e improviso ao proceder às narrações. Nessas três atividades mencionadas acima, o mediador pode, por exemplo, acrescer à leitura ou à palestra que pretende realizar junto aos leitores curiosidades acerca de como o mundo e a sociedade eram na época da publicação daquelas HQs – exemplo: personagens ligados a períodos históricos, como o Capitão América à Segunda Guerra Mundial



(1939-1945), ou o Homem de Ferro ao período da Guerra Fria (1945 – 1989), podem ter suas narrativas trabalhadas em paralelo à apresentação de fatos e de dados pertinentes ao período em que suas HQs foram publicadas nesses eventos, comparando as falas e posturas desses personagens ao momento e a figuras históricas alusivas aos respectivos períodos / acontecimentos.

### **Dimensão ética**

A dimensão ética pode ser atestada junto a participação de mediadores e mediados nas atividades de bate papos, foros de discussão, leituras em grupo, debates, palestras e contação de histórias. Isso porque as forças motrizes que impulsionam essas atividades, de acordo com Gomes (2020), são manifestadas por meio da participação e do ambiente onde se dão as atividades de mediação, já que é junto a ela que os sujeitos mediados se mostram mais aptos a se identificarem com as leituras empreendidas.

Os exemplos acima citados permitem aos mediados a oportunidade de, ao participar e dar voz e vazão conscientes às suas impressões, interpretações e pontos de vista acerca da narrativa e dos acontecimentos ali retratados, ressignificar as suas próprias ações, enquanto sujeitos ativos para com o mundo e a sociedade em que se inserem, visitando os papéis e funções cotidianas exercidos por todos de forma consciente, ao verificar, por exemplo, que diferentes aspectos demonstrados por personagens durante as narrativas e reconhecidos por si mesmos ou apontados por outros leitores que fazem parte dessas ações de mediação da leitura, durante a externalização por meios de debates, bate papos ou leituras em grupo, pode levar ao conhecimento quanto a diferentes aspectos que envolvem a realidade de um outro membro da comunidade, e que devem ser apreciados e respeitados.

### **Dimensão política**

Se dá quando os sujeitos leitores se mostram conscientes não apenas acerca da leitura empreendida – sua interpretação, o conhecimento quanto das ações, falas, posturas e motivações de seus personagens durante o desenrolar da trama – mas também do potencial para dar novos significados – ou mesmo reforçar anteriores – quanto a sua própria existência, o que resulta em intervenções práticas subsidiadas em crenças e atitudes pessoais ou coletivas advindas de sua compreensão e atuação como protagonistas sociais.

Quando focadas a leitura de HQs e as gibitecas listadas, pode-se citar como exemplos pertinentes junto a esta dimensão as iniciativas Baú da Gibiteca, da Gibiteca Marcel Paes Rodrigues (Santos – SP), que se destaca pela doação de HQs às escolas da periferia daquela cidade, a Gibicicleta, Vanteca e Mototeca, todas praticadas pela Gibiteca Mais Cultura (Campo Grande – MT), e a Kuadrombi, de responsabilidade da Prateleira dos Quadrinhos (São Paulo – SP), pois envolvem o uso de veículos (bicicletas, vans, kombi e motocicletas), por profissionais e agentes que atuam junto à mediação

da leitura e da informação nessas gibitecas, para se deslocarem a bairros e comunidades carentes, não apenas disponibilizando ou doando HQs para crianças e adolescentes em condições sócio econômicas adversas, mas também procurando desenvolver engajamento por parte dos mediadores e dos mediados, de modo que eles demonstrem a cada participação nessas ações estarem mais compelidos a ler as HQs que pretendem disponibilizar, com vistas a apresentarem-nas e instigar os jovens das comunidades carentes a lê-las com entusiasmo.

## CONCLUSÕES

Engana-se quem possa pensar que mediar se traduza como uma ou mais ações simplesmente voltadas para facilitar a um ou mais leitores o acesso à leitura. Muito além disso, espera-se da figura de um mediador o acúmulo de competências e habilidades que o destaquem perante o público leitor, de modo que ele possa efetivamente intervir junto à leitura, com vistas a aproximar conscientemente o leitor de uma leitura, e também a fomentar junto a este leitor, através do estímulo que uma ou mais leituras possam propiciar, a prática de reflexão e de interpretação da leitura compreendida, visando assim torná-lo um leitor e um sujeito mais consciente.

Para realizar essa empreitada, em consonância com Santos, Sousa, Assis, Sousa, Santos e Santos (2023), é fundamental que os mediadores da leitura

utilizem os mais variados dispositivos informacionais durante as atividades, objetivando transformar o espaço em que a ação ocorre em um ambiente confortável, livre e afetuoso, que favoreça o alcance de múltiplas possibilidades de interpretações e sensações. (p. 8).

Esse raciocínio se estabelece a partir do princípio de que o leitor não deve ser tratado como a um sujeito passivo, que forçosamente desconhece o formato ou a narrativa a ser-lhe apresentada. No caso das HQs e de seus personagens, também considerados como recursos / dispositivos informacionais, isso pode ser facilmente constatado graças à proliferação de locais, momentos e circunstâncias em que o sujeito tem na atualidade a oportunidade de estabelecer contato com eles – como nos desenhos animados, videogames e nos filmes, dentre outros.

No que se refere propriamente as gibitecas – com destaque para aquelas que configuraram o rol presente neste estudo, mas com possibilidades aplicáveis a todas elas enquanto UI – o conjunto de ações, iniciativas e projetos por elas desenvolvidos e apresentados ao público leitor atua de forma a facilitar e a proporcionar o encontro desses sujeitos com a informação, uma vez que as dimensões da mediação da informação expostas por Gomes (2014, 2017, 2019, 2020) se fazem presentes junto as atividades apresentadas pelas gibitecas analisadas.

Espera-se que o mediador da leitura – seja ele um profissional, um bibliotecário ou um agente sócio educador - que desejar atuar junto a uma gibiteca, assumindo-a como uma UI voltada para os interessados e os entusiastas das HQs, deve estar consciente

de que esse público geralmente estabelecerá contatos com esse ambiente já portando uma série de informações e de conhecimento sobre os quadrinhos, mesmo que estes tenham sido adquiridos em outros formatos e mídias. Tendo isso em mente, para mediar a leitura de HQs em uma Gibiteca, é condição essencial a todo e qualquer mediador da leitura conhecer os quadrinhos para apropriar-se do saber neles contido.

A partir disso, a próxima postura por ele esperada junto a estas UI é a de ser capaz de intervir junto a leitura, com vistas a aproximar os leitores usuários da Gibiteca dos quadrinhos. Para tanto, ele deve fomentar, por meio de diálogo e debate entre todos os envolvidos, a troca de experiências, dúvidas e questionamentos que os leitores tenham adquirido ao realizar uma ou mais leituras de histórias que envolvam as narrativas e as personagens – super-heróis, vilões, cowboys, animais antropomorfizados, personalidades da história humana, entre outros – presentes nesses quadrinhos.

É através desse fomento que o mediador se prova capacitado a realizar efetivamente a mediação da leitura, uma vez que parte do princípio de que os leitores que se dirigiram as Gibitecas com o intuito de ler histórias com seus personagens favoritos são consumidores ativos - ou potencialmente ativos - dessas narrativas, e que seu desejo, ao ler essas HQs, pode ser também o de se apropriar das informações nelas contidas, como Ramos (2017) e Dumont e Ramos (2018) apontam, interpretando-as e assim imprimindo e exprimindo sentido e significado junto a elas, a partir dos conhecimentos previamente adquiridos – mesmo que em outros formatos e mídias onde esses personagens tenham sido veiculados – mas construindo de forma consciente e ativa suas próprias leituras.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Flávia Ferreira, DUMONT, Lígia Maria Moreira, 2020. Adolescentes e mediação da leitura em biblioteca escolar. *Em Questão* [em linha]. 2020. vol. 27, no. 1. [Acesso em 11 fevereiro 2023]. DOI: 10.19132/1808-5245271.388-402. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/102875>

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de, 2015. Mediação da informação: um conceito atualizado. Em: BORTOLIN, Sueli, SANTOS NETO, João Arlindo dos, SILVA, Rovilson José da. *Mediação Oral da Informação e da Leitura*. Londrina, Paraná: ABECIN. p. 9-32.

ALVES, Mariana de Souza, CORREIA, Anna Elizabeth Galvão Coutinho, SALCEDO, Diego Andres, 2017. *Práticas leitoras e informacionais: mediação e apropriação*. Em: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação [em linha]. Marília, SP: Ancib; UNESP. 2017 [Acesso em 28 janeiro 2023]. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/25/649](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/25/649)

ASSIS, Pamela Oliveira, SANTOS, Raquel do Rosário, 2022. O ato de ler e a mediação da leitura conscientes: perspectivas fundamentadas nas dimensões da mediação da informação. *Informação & Informação* [em linha]. 2022. Vol. 27, no. 1, [Acesso em 11

fevereiro 2023]. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/43754/pdf>

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de, 2006. A mediação da leitura na biblioteca. Em: BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. *Leitura: mediação e mediador*. São Paulo, SP: FA. P. 17-22.

BORTOLIN, Sueli, 2007. O mediador da leitura. Infohome [em linha]. 25 janeiro 2023. [Acesso em 25 janeiro 2023]. Disponível em:

[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=302](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=302)

CALHEIRA, Fausto José Silva, SANTOS, Raquel do Rosário, 2022. As dimensões da mediação da informação como fundamento para a mediação da leitura voltada para o idoso. *Em Questão* [em linha]. 2022. vol. 28, no. 2. [Acesso em 12 janeiro 2023]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/112916>

DUMONT, Lígia Maria Moreira, 2017. *Leitura e competência informacional: interseções e interlocuções*. Em: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação [em linha]. Marília, SP: Ancib; UNESP. 2017 [Acesso em 28 janeiro 2023]. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/569/690](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/569/690)

DUMONT, Lígia Maria Moreira, RAMOS, Rubem Borges Teixeira, 2018. A leitura de histórias em quadrinhos da Marvel e da DC Comics e a etnometodologia: relevância e desdobramentos. *Perspectivas em Ciência da Informação* [em linha]. 2018. vol. 23, n. 3. [Acesso em 14 fevereiro 2023]. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22577/18170>

DUMONT, Lígia Maria Moreira, 2020. *Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas*. Belo Horizonte, Brasil: ECI/UFMG. [Acesso em 26 janeiro 2023]. Disponível em: <http://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2020070001.pdf>

GIL, Antônio Carlos, 2008. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, SP: Atlas.

GOMES, Henriette Ferreira, 2014. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. *Informação & Informação* [em linha]. 2014. Vol. 19, no. 2 [Acesso em 10 fevereiro 2023]. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/19090>

GOMES, Henriette Ferreira, 2017. Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. Em: *Informação e Protagonismo Social*. Salvador, BA: EDUFBA. p. 27-44. [Acesso em 23 fevereiro 2023]. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33742/1/informacao-e-protagonismo-social-RI.pdf>

GOMES, Henriette Ferreira, 2019. Protagonismo social e mediação da informação. *Logeion: Filosofia da Informação* [em linha]. 2019. Vol. 5, no. 2. [Acesso em 8 janeiro 2023]. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4046>

GOMES, Henriette Ferreira, 2020. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. *Informação & Sociedade: estudos* [em

linha]. 2020. Vol. 30, no. 04 [Acesso em 18 fevereiro 2023]. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047/32516>

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. A. de, 2017. *Metodologia científica*. São Paulo, SP: Atlas.

LEMOS, Antônio A. B., 1998. Bibliotecas. Em: *Formas e expressões do conhecimento: introdução as fontes de informação*. Belo Horizonte, MG: Escola de Biblioteconomia/UFMG. P. 347 – 366.

MINAYO, M. C. S., 2009. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.

NOGUEIRA, N. A. S., 2008. Gibiteca e o estímulo à leitura. Em: *Encontro de literatura infantil e juvenil – leitura e crítica*. Rio de Janeiro, RJ: Anais. P. 2-15. [Acesso em 23 fevereiro 2023]. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/gibiteca-como-estimulo-a-leituratextoufrj-qjovryqyp4nv>

PETIT, Michele, 2008. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo, Brasil: Editora 34.

PUSTZ, Matthew, 2000. *Comic Book Culture: Fanboys and True Believers*. Mississipi, EUA: University Press.

RAMOS, Rubem Borges Teixeira, 2017. *Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades: um estudo etnometodológico sobre o leitor e a leitura de histórias em quadrinhos de super-heróis da Marvel e da DC Comics* [em linha]. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais. [Acesso em 6 março 2023]. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AXWMUC/1/tese\\_doutorado\\_\\_vers\\_o\\_para\\_encaderna\\_\\_o\\_\\_vers\\_o\\_final.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AXWMUC/1/tese_doutorado__vers_o_para_encaderna__o__vers_o_final.pdf)

RASTELI, Alessandro, 2013. *Mediação da leitura em bibliotecas públicas* [em linha]. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Marília, SP: Universidade Estadual Paulista. [Acesso em 18 fevereiro 2023]. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli\\_a\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/rasteli_a_me_mar.pdf)

SANTOS, Raquel do Rosário, SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de, ASSIS, Pamela Oliveira, SOUSA, Gisele Meneses de Paula Almeida, SANTOS, João Manoel Santana Ferreira e SANTOS, Erick Alves dos, 2023. O descortinar da mediação da leitura no espetáculo criancieiras. *Em Questão* [em linha]. 2023. vol. 29. [Acesso em 14 março 2023]. DOI: [10.19132/1808-5245.29.122027](https://doi.org/10.19132/1808-5245.29.122027) Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/122027/87055>

SANTOS NETO, João Arlindo dos; BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. 2017. A concepção de apropriação da informação nos periódicos da área “comunicação e informação” e anais do Enancib. Em: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação* [em linha]. Marília, SP: Ancib; UNESP. 2017 [Acesso em 28 janeiro 2023]. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII\\_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/546/688](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/viewFile/546/688)

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de, SANTOS, Raquel do Rosário, JESUS, Ingrid Paixão de, 2020. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação* [em linha]. 2020. vol. 16. [Acesso em 18 fevereiro 2023]. Disponível em:

<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos, 1994. Comic book collections in Brazilian public libraries: the “gibitecas”. *New Library World* [em linha]. 1994. v.95, no. 1117.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos, 2005. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação* [em linha]. 2005. vol. 6, no. 2, 2005. [Acesso em 8 janeiro 2023]. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44838>

YIN, R. K., 2005. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre, Brasil: Bookman.

ZAFALON, Zaira Regina, 2017. Recurso informacional e representação documental. Em: *I EnReDo – Encontro de Representação Documental* [em linha]. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos. 2017 [Acesso em 31 janeiro 2023]. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/enredo/enredo/paper/viewFile/110/107>

ZANINELLI, Thais Batista, LIPINSKI, Bárbara, PINTO, Danieli, FONSECA, Diego Leonardo de Souza e MENEZES, Priscila Lopes, 2022. O conceito de unidades de informação: uma revisão sistemática na Ciência da Informação. *Revista Ibero Americana de Ciência da Informação - RICI* [em linha]. 2022. Vol. 15, no. 2, 2022. [Acesso em 29 janeiro 2023]. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/ICI/article/view/42562/34375>